



## DOSSIÊ

# A invisibilidade dos negros na história de Gramado/RS: levantamento preliminar<sup>1</sup>

The invisibility of blacks in the history of Gramado/RS:  
preliminary survey

*Alex Juarez Müller*

Mestre em História pela UPF

Professor de História na Rede Municipal de Ensino de Gramado-RS

[muller.historia@gmail.com](mailto:muller.historia@gmail.com)

*Raimundo Nonato Wanderley de Souza Cavalcante*

Licenciado em História pela UECE

Especialista em Metodologias de História pela UECE

[rwander64@gmail.com](mailto:rwander64@gmail.com)

**RESUMO:** O município de Gramado, no Estado do Rio Grande do Sul, é reconhecido destino turístico no Brasil, e apresentado como um espaço de colonização alemã, italiana e portuguesa. A ausência dos negros na história oficial, a inexistência de pesquisas acadêmicas sobre o assunto e a necessidade de material pedagógico para auxiliar no ensino de história e cultura afro-brasileira, promoveu o início dessa pesquisa que está em estágio preliminar. Pesquisas acadêmicas no entorno de Gramado comprovam significativa população de descendência africana no século XIX, além disso uma extensa rede de compadrio entre proprietários de terras e afro-brasileiros. A ausência de dados oficiais conduz a pesquisa para a análise dos lugares de memória, por meio de indícios encontrados em livros de memorialistas locais, fotografias e paisagens. Os resultados coletados até o presente indicam que os negros sempre estiveram presentes na história da região, tanto na frente de expansão quanto na frente pioneira, e também apontam para um provável esquecimento proposital dessa população.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do negro. Territórios negros. Gramado/RS.

**ABSTRACT:** The municipality of Gramado, in the State of Rio Grande do Sul, is recognized as a tourist destination in Brazil, and presented as a space for German, Italian and Portuguese colonization. The absence of blacks in official history, the lack of academic

<sup>1</sup> Esse artigo é resultado das pesquisas dos projetos “Linhas do Tempo” e “Didatização da História de Gramado” da Secretaria Municipal da Educação de Gramado. “Linhas do Tempo” é um projeto de registro da memória oral dos idosos da zona rural e “Didatização da História de Gramado” é um projeto de construção de um livro didático da história de Gramado para o Ensino Fundamental.

research on the subject and the need for pedagogical material to assist in the teaching of Afro-Brazilian history and culture, promoted the beginning of this research, which is in a preliminary stage. Academic researches around Gramado prove a significant population of African descent in the 19th century, in addition to an extensive relationship between landowners and blacks. The absence of official data leads the research to the analysis of places of memory, through evidence found in books by local memorialists, photographs and landscapes. The results collected to date indicate that blacks have always been present in the history of the region, both on the expansion front and on the pioneer front, also point to a likely purposeful forgetfulness of this population.

**KEYWORDS:** History of Afro Brazilians. Black territories. Gramado/RS.

### Considerações iniciais

O município de Gramado, no Estado do Rio Grande do Sul, é definido no sítio oficial da Prefeitura Municipal como “(...) uma cidade marcada pelas colonizações alemã, italiana e portuguesa, cujos traços culturais estão presentes na hospitalidade, beleza, qualidade de vida e desenvolvimento que transformaram a vila construída por volta de 1875 na acolhedora cidade de nossos dias.” (PREFEITURA MUNICIPAL, c2018).

A caracterização histórica no sítio da prefeitura nos fez questionar: quem está ausente? Essa ausência se tornou visível, por exemplo, quando procuramos atender a legislação 10.639 de 09 de janeiro de 2003 que trata da obrigatoriedade do estudo de história e cultura afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino de todo o país (BRASIL, 2003).

A partir da ausência de pesquisas sobre a história do negro em Gramado que atenda a lei 10.639, a proposta deste trabalho foi realizar um levantamento inicial para identificar indícios da história afro-brasileira no município, e assim, revelar a participação desses grupos na formação histórica da região.

A história do negro em Gramado é um tema sem pesquisas acadêmicas até o momento. A procura por fontes passa pelos lugares de memórias (NORA, 1993) que se encontram esfaceladas no espaço. Definimos três frentes de busca: o levantamento da bibliografia de memorialistas locais; a análise de elementos na paisagem que possam ser remetidos à história do negro; e o levantamento bibliográfico acadêmico sobre o entorno de Gramado como, por exemplo, as pesquisas da historiadora Dóris Rejane Fernandes Magalhães sobre a ocupação das terras no Vale dos Sinos, a pesquisa do historiador Ubiratã Ferreira Freitas sobre a presença negra em Taquara e a pesquisa dos historiadores Paulo Moreira e Miquéias Mugge abordando as relações entre escravos e senhores na região do Vale dos Sinos.

De acordo com Nora (1993), essas lembranças, na História, passam pelo processo de deslegitimação desse passado que é tratado com seletividade, onde são priorizados apenas os lugares de memória de um determinado grupo. Nos meios oficiais prevalece a história única de origem europeia que, segundo Pierre Bourdieu [1989], é um discurso solidificado através da repetição por aqueles que têm o poder da fala, como por exemplo, líderes políticos e representantes da elite local.

A história de Gramado se confunde com a da Primeira República, já que os grupos de poder se fortaleceram através da política do coronelismo discutida por Loiva Otero

Félix (1987), principalmente após a Revolução Federalista (1833-1895) – evento que foi marcante na região. No final do século XIX ocorreu a intensificação do interesse pelas terras da encosta do planalto pela elite local originária dos municípios de Taquara, Santa Christina do Pinhal e São Leopoldo.

Entendemos que a ocupação do espaço gramadense, na segunda metade do século XIX, está vinculado a formação da fronteira, pois esse era o último espaço para ser ocupado: todo o seu entorno já estava legitimada a propriedade da terra (norte - Colônia Caxias; sul - Colônia Mundo Novo; leste - município de São Francisco de Paula; oeste - colônia Nova Petrópolis).

Essa “última fronteira” era um espaço de disputas sociais e étnicas entre diferentes grupos (índios, camponeses pobres, luso-brasileiros), um lugar de alteridade e também de desencontros de diferentes concepções de vida e temporalidades históricas (MARTINS, 1996).

Essa fronteira passou por dois processos distintos, conforme conceitua José de Souza Martins (1996): o primeiro é a frente de expansão, onde a população é posseira ou ocupante, as relações de trabalho são geralmente servis e há uma diversidade de personagens e atividades econômicas baseadas nos vínculos sociais (casamentos, apadrinhamentos etc); o segundo é a frente pioneira, momento da modernização, da colonização das terras, da racionalização econômica e predominância do uso do dinheiro.

Na frente de expansão, na segunda metade do século XIX, o tropeirismo luso-brasileiro (os tropeiros de Gramado se fixaram na terra) tomou posse das terras e assim permaneceu até meados dos anos 1870-80, quando se consolidou a formalização da propriedade. Em seguida, ocorre a frente pioneira com a colonização das terras (fracionamento em propriedades menores) com excedentes dos descendentes de alemães e italianos provenientes das colônias lindeiras (Caxias, Nova Petrópolis, São Sebastião do Caí e Taquara).

Nessas duas frentes de ocupação estavam os negros, que num primeiro momento servem à frente de expansão como cativos ou agregados; e num segundo momento servem à frente pioneira como trabalhadores domésticos (lavadeiras, cozinheiras, parteiras, babás, etc) ou braçais (jardineiros, carpinteiros, construtores etc).

### **A ocupação da terra através do tropeirismo luso-brasileiro**

É sabido através da bibliografia que o tropeirismo empregou mão-de-obra cativa. Também é possível identificar a presença negra no trabalho tropeiro através dos relatos de viajantes e retratistas europeus do século XIX, em especial nas aquarelas de Jean Baptiste Debret. Loraine Giron (2009, p.107) comenta que parte dos tropeiros que faziam o serviço de transporte das bagagens dos imigrantes no século XIX entre São Sebastião de Caí e a serra eram negros descendentes de cativos. Moreira & Mugge (2019) relatam no ano de 1866 a história do escravo tropeiro “serrano Bento” que trazia tropas de Lages para vender em São Leopoldo.

Em Gramado, em 1º de outubro de 1880, o tropeiro José Manoel Corrêa conhecido popularmente como Juca Lageano, reivindicou terras na região, que segundo ele já eram

ocupadas pelo mesmo desde 1845, com atividades agrícolas diversas, extrativismo e pecuária (OLIVEIRA, 1999, p. 14-15). Há possibilidades da existência de trabalhadores negros cativos em suas terras. A prática era bastante comum no entorno: na região vizinha de São Francisco de Paula, por exemplo, havia oficialmente, no ano de 1858, 641 escravos (20% da população da época) (TEIXEIRA, 2008, p.24).

Por volta dos anos 1870 o tropeiro Tristão José Francisco de Oliveira (afilhado do colonizador das terras de Taquara – Tristão José Monteiro<sup>2</sup> – e compadre do intendente taquarense Coronel Diniz Martins Rangel) subiu a serra para extrair cascas de árvore que eram utilizadas no curtimento de couro (GEVEHR; WEBER, 2019). Provavelmente o tropeiro tinha cativos que trabalhavam na sua atividade econômica, já que há relatos que um deles seria o conhecido benzedeiro Canela, que também pode ter dado origem ao nome da cidade de mesmo nome.

Tristão de Oliveira também é descrito de “cor parda” através de documentos levantados pelo memorialista Sebastião de Oliveira (p.21, 1999). Sabemos que nesse mesmo período o termo pardo era utilizado para se diferenciar socialmente, ou seja, para não ser reconhecido como negro e escravo, como por exemplo, no caso dos fundadores do município de Santo Antônio da Patrulha tratado por Fernanda Oliveira da Silva *et al.* (2017, p.17-18).

Gevehr & Weber (2019, p.292) afirmam que depois dos primeiros ocupantes vieram outros de sobrenome luso-brasileiros (Narciso, Santos, Ferreira, Teixeira, Dias, Pereira), todos com relações de parentesco com os primeiros povoadores. Um desses ocupantes foi o Coronel Francisco Alves dos Santos - Chico dos Santos, militar de Santa Christina do Pinhal. A possível presença de cativos, agregados ou posseiros em suas terras surge a partir dos seus ascendentes, proprietários de terras e escravos em Santa Christina do Pinhal (FREITAS, 2019). A família Santos era requisitada como padrinhos nos batismos de afrodescendentes conforme os registros da paróquia local levantados na tese de Freitas (2019).

Magalhães (2008, p. 57-58) destaca que as terras na encosta do planalto tinham uma ocupação diversificada de “fugitivos, desertores, posseiros, senhores de terra, moradores e colonos”. Ela cita o exemplo da demarcação de terras de João Petry em 1882, na localidade de Quilombo (Gramado), onde já havia posseiros, cujos nomes eram Manoel Ignacio de Souza e seu filho Narcizo.

Os exemplos acima mostram uma área de fronteira sendo ocupada no final do século XIX com diversos tipos humanos, entre eles o negro. Em alguns momentos esse indivíduo faz parte da economia junto do tropeiro, atuando diretamente com ele. Em outros ele aparece como um simples ocupante ou até mesmo como um posseiro a mando de um coronel local.

Atualmente identificamos nas terras quilombolas os lugares de memória dessas fronteiras. Nas proximidades do extinto município de Santa Christina do Pinhal (hoje

---

<sup>2</sup> Moreira & Mugge (2019) descrevem algumas histórias de escravos de Tristão José Monteiro que foram enforcados após processos judiciais. Tristão José Monteiro foi colonizador das terras da Colônia Mundo Novo, atualmente municípios de Taquara, Igrejinha e Três Coroas.

Taquara), há um quilombo de nome Paredão (FUNDAÇÃO PALMARES, 2020), consequência das inúmeras fazendas da região que faziam uso da mão-de-obra cativa. Já nos Campos de Cima da Serra, a historiadora Luana Teixeira (2008) estudou o Quilombo São Roque (FUNDAÇÃO PALMARES, 2020) nos municípios de Praia Grande/SC e Mampituba/RS, constituído por descendentes de cativos da região de São Francisco de Paula.

### **Lugares de memória na paisagem**

A paisagem é, de acordo com Francisco Teixeira da Silva [1997], consequência da prolongada interação humana com a natureza. A paisagem deve ser compreendida no seu conjunto (múltiplas variáveis e tempo) através de uma abordagem holística.

Na paisagem gramadense encontramos alguns elementos que nos forneceram indícios de caminhos que podem ser seguidos, lugares de memória e elementos da cultura que sobreviveram ao longo do tempo como, por exemplo, técnicas agrícolas, costumes alimentares, grupos étnicos e nomeações dos espaços (Quilombo, Caboclos, Chapadão, Vila África, etc).

A fotografia também foi uma importante fonte de análise da paisagem, principalmente quando não encontramos documentos pelas vias oficiais. Ana Mauad (1996, p.8) lembra que primeiro a fotografia deve ser observada como uma marca da materialidade do passado que apresenta uma série de aspectos; e segundo, como um símbolo que a sociedade escolheu para sobreviver ao tempo, deste modo, a fotografia informa, mas também conforma uma determinada visão de mundo.

### **Quilombo**

A localidade de Quilombo situa-se na porção sudeste do município e caracteriza-se por ser um vale rodeado de morros com declividade acentuada na encosta do planalto. Esse vale se prolonga desde o centro de Gramado até a fronteira com o município de Três Coroas. O lugar de nome Quilombo carrega consigo muitas histórias no imaginário popular, entretanto esses relatos convergem para um espaço de conflitos e de esconderijo de foragidos da justiça (PIZETTA, 1973).

O memorialista Mário Pizetta (1973) relata que um foragido do Uruguai tinha o nome de Quilombo. Ele também destaca que os primeiros proprietários oficiais, os Bernardes, tinham ganhado a terra do governo como reconhecimento pelos atos de bravura na Guerra do Paraguai.

Essas memórias podem estar vinculadas à frente de expansão, onde há uma diversidade de indivíduos avançando sobre as terras devolutas, tanto em busca de um lugar para viver quanto em busca de um lugar para se esconder. As características do relevo propiciavam ser um espaço de refúgio para cativos e ex-cativos que queriam dificultar sua localização. A presença de luso-brasileiros provenientes da Guerra do Paraguai também nos faz questionar: quem eram eles? Lembramos que a Guerra do

Paraguai foi um conflito onde as forças militares do Brasil eram compostas em sua maioria de negros.

## Caboclos

A localidade de caboclos está na porção sul de Gramado, entre as localidades de Moreira, Serra Grande e a divisa com o município de Três Coroas. Caboclos está numa porção da encosta do planalto de relevo bastante acidentado, de difícil acesso, e com vegetação densa.

O nome Caboclos, segundo os moradores locais, decorre da presença de negros que eram chamados de caboclos. Paulo Afonso Zarth (2002) aponta que o termo caboclos está vinculado ao trabalhador nacional, que seria uma miscigenação de portugueses, indígenas e africanos. No senso comum são tratados como vadios, vagabundos, símbolo do atraso, do tradicionalismo (ZARTH, 2002).

Nessa localidade encontramos um perfil distinto de ocupação daquela que o turismo apresenta sobre Gramado, como podemos observar na imagem a seguir.



**Figura 01:** Comunidade de Caboclos reunida em frente ao salão de Honorato José de Leão (com a gaita). Data: 1938/1939. Fotógrafo: desconhecido. Fonte: Acervo: Isaura e Izaira Leão.

Na fotografia identificamos um grupo de moradores da localidade de Caboclos em frente ao salão de madeira do senhor Honorato José de Leão (com a gaita). Segundo relatos dos moradores de Caboclos, o galpão era um ponto de encontro da comunidade, lá dançavam, cantavam, tocavam músicas, faziam rezas, contavam histórias no entorno do fogo de chão, e durante o dia o espaço servia de escola para as crianças da comunidade.

Essa fotografia representa um pouco da relação luso-brasileira resultado da frente de expansão, onde há uma diversidade de tipos étnicos que se relacionam entre si. Segundo Magalhães (2008), era comum os enlaces matrimoniais entre portugueses, negros e índios. Freitas (2009) destacou como as famílias de luso-brasileiras mantiveram os laços de compadrio servindo como padrinhos de batismo. O salão representa a tradição da oralidade, de respeitar a ancestralidade, hábito comum dentro das culturas afro-brasileira e indígena.

### **Chapadão**

Na parte oeste do município, já em território de Nova Petrópolis, porém na divisa com Gramado, está a localidade de Chapadão. Silvio Peters (2015) destaca que essa região está entre as localidades de Nove Colônias (Nova Petrópolis), Linha Araripe e Linha Marcondes (Gramado). Peters [2015] também destaca que o Chapadão possui uma população de descendência portuguesa e está num dos pontos mais altos (média de 800 metros).

Não sabemos muito sobre esse espaço, no entanto os relatos de residentes da Linha Marcondes (Localidade vizinha) identificaram que os moradores do Chapadão são caracterizados como famílias pobres, negras, pessoas de muita necessidade. Pelo perfil étnico descrito por Peters (2015) e pela descrição dado por alguns moradores, a localidade se aproxima muito dos trabalhadores nacionais descrito por Zarth (2002), especialmente o caboclo.

Peters (2015) menciona que ocorreu interação entre o Chapadão e as localidades do entorno. O pesquisador identificou na paisagem elementos que configuram a influência da cultura dos trabalhadores nacionais, como o uso da coivara e hábitos alimentares típicos do Brasil, como por exemplo, “cultivar o feijão, o aipim, coletar o pinhão, abater algumas aves e mamíferos, assim como o churrasco e o chimarrão, que também fizeram parte da dieta do colono” (PETERS, 2015, p.87).

### **Vila Africana**

Nas imediações do antigo Parque Hotel, onde atualmente fica a Secretaria Municipal de Cultura, conforme relatos dos mais idosos e de acordo com algumas fotografias, encontramos indícios de um lugar denominado de Vila Africana. Na fotografia a seguir (figura 02) visualizamos parte da Vila África.



**Figura 02:** Caboclos que moravam num rancho de xaxim nas terras dos Bier – Vila Planalto. Data: 1938. Fotógrafo: desconhecido. Fonte: Acervo particular de Iraci Casagrande Koppe.

Na fotografia podemos identificar algo próximo da descrição do caboclo dada por Zarth (2002), uma família desterritorializada, vivendo provavelmente num espaço provisório. O casal, suas duas filhas e seu cachorro foram fotografados juntos da casa feita de xaxim, espécie arbórea que era muito utilizada por indígenas e depois pelos ocupantes da frente de expansão para estabelecerem seus primeiros ranchos.

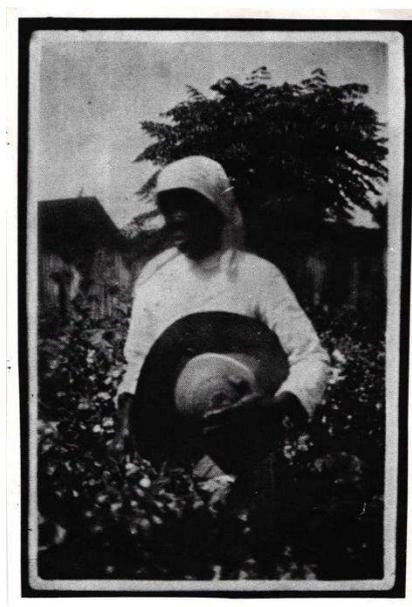
A existência de locais denominados de “Vila Africana” ou “África” não é particular a Gramado, já que em Taquara/RS existe uma rua chamada informalmente de Rua África, e que formalmente carrega um nome de descendência alemã. Magna Magalhães (2009, p.70) relata que os moradores do Bairro África em Novo Hamburgo sempre foram associados a desordem e transgressão, e lembra que a alteração do nome do bairro para Guarani pode ter sido uma forma de apagar a história do negro em uma cidade que heroiciza o seu passado alemão.

A figura 02 também mostra um pouco dos resultados da frente pioneira, já que no ano de 1938 Gramado era 5º distrito de Taquara e a colonização das grandes áreas de terras já estava concretizada. Na descrição do verso da foto também há os dizeres “Vila Planalto”, que foi um projeto de urbanização voltado para grupos abastados, como por exemplo, uma elite mais culta que veio residir em Gramado, proveniente da Alemanha no início do século XX (GEVEHR; WEBER, 2019).

Nas fontes fotográficas encontramos registros de trabalhadores como, por exemplo, parteiras e empregadas domésticas. Também há relatos de jardineiros, construtores, benzedores, etc. Esses trabalhadores prestavam serviços para as famílias da área central, geralmente profissionais que exerciam funções como médico, advogado, escrivão, etc. Podemos identificar essas condições nas fotografias a seguir.



**Figura 03:** Maria e a criança Iria Lied. Data: 1916. Fotógrafo: Desconhecido. Acervo: Iraci Casagrande Koppe.



**Figura 04:** Jacinta Oliveira. Data: 1919. Fotógrafo: Desconhecido. Acervo: Iraci Casagrande Koppe.

Nas fotografias visualizamos duas mulheres, negras, que prestavam serviços diversos nas casas das famílias Lied e Castilhos. As duas fotografias tem data muito próxima entre elas (1916 e 1919) e também da abolição da escravidão (1888). No verso das fotografias estão registradas algumas informações que nos fazem pensar um pouco sobre a provável condição das duas mulheres. Na foto de Maria está escrito que ela era “mucama”, “filha de escravo” e “ajudava quando estava pra nascer as filhas da família”. Na foto de Jacinta está escrito “filha de escravos”, “parteira” e que foi “tendo criada por eles como filha adotiva”.

As imagens e as suas descrições no verso revelam vestígios do escravismo e das relações de trabalho que se estabeleceram após a abolição. As fotografias são fontes importantes para conhecer a história do negro, uma vez que após a República (1889) a cor do sujeito desaparece dos registros (MOREIRA & MUGGE, 2019, p.35), tornando muito difícil de identificar sua presença nas fontes documentais tradicionais.

Moreira & Mugge (2019) também revelam as relações de imigrantes alemães e descendentes com a posse de escravos na região do Vale dos Sinos, o que identifica que as regiões de imigração não ficaram isentas ao escravismo e muito menos ao contato com a população de descendência africana.

Na mesma época, provavelmente 1918, outra história encontrada no livro de Mário Pizzeta (1973, p.27-29) nos chamou a atenção. Ele descreve um homem de nome José Tristão que realizava práticas curativas, fazia remédio de erva, pílulas de raízes e folhas (Pílulas Tristão) e receitava lavagens por via anal a qual injetava com taquaras.

Segundo Pizzeta (p.29, 1973), o homem sofreu represálias do padre Camino, tanto pelas práticas curativas quanto por “colocar cartazes nas portas das casas, opinando

sobre o clero e a Igreja”. O desfecho, sem muitas explicações, é que o homem sofreu um processo e teve que “abandonar o lugar”.

Esse relato demonstra um pouco do universo das práticas curativas do mundo caboclo e também revela as implicações da frente pioneira que resultou num universo de diversidades de crenças e ao mesmo tempo de combate a essas práticas. Os conflitos na região sul envolvendo o curandeirismo e a colonização foram comuns, como no caso dos Muckers [GEVEHR; MEYRER; NEUMANN, 2020], Monges do Pinheirinho [FILATOW, 2020] e dos Monges Barbudos [KUJAWA, 2020].

### **Os construtores da ferrovia**

Em 1º de junho de 2019 fez 100 anos da chegada do trem na localidade de Várzea Grande (atualmente um bairro de Gramado), uma construção difícil decorrente do desnível entre a planície e o planalto. A Estação Sander (atual município de Três Coroas) ficava numa altitude média de 56 metros, a Estação Várzea Grande numa altitude média de 610 metros e a Estação Gramado com altitude média de 820 metros.

A subida de Sander a Várzea Grande, e depois até Gramado, enfrentou muitas dificuldades financeiras, de engenharia e principalmente de mão-de-obra. O memorialista Erni Engelmann (2007, p.105) descreveu que “o único grupo de trabalhadores de que João Corrêa podia dispor era o de homens de todas as categorias morais, alguns bons elementos, porém, dentre a maioria, havia ladrões e criminosos dos piores quilates”.

No mesmo relato, Engelmann (2007) descreve que o Coronel João Corrêa<sup>3</sup> “matinha seus empregados sob regime severo” e ele mesmo sugeria aos colonos que se armassem e, se preciso, ameaçassem os trabalhadores. Ele ainda relata que havia furtos de animais dos colonos e brigas entre os trabalhadores que terminavam em mortes.

A construção de um trecho ferroviária difícil de ser executado pelo desnível do relevo e os problemas financeiros podem ter levado Coronel João Corrêa buscar mão-de-obra que fosse menos onerosa possível. O que identificamos até o momento são os relatos acima citados e fotografias que revelam um pouco tanto do trabalhador quanto das condições de trabalho.

---

<sup>3</sup> O Coronel João Corrêa Ferreira da Silva liderou a construção da ferrovia de Novo Hamburgo a Taquara (1903) e depois de Taquara a Canela (1924). João Corrêa foi também intendente de São Leopoldo em 1924.



**Figura 05:** Vila de trabalhadores da Estrada de Ferro Taquara – Canela. Empresa João Corrêa & Filhos. Data: Final da década de 1910. Fotógrafo: Desconhecido. Acervo: Germano Oscar Moehlecke. Disponível em: ENGELMANN, 2007, p.51.



**Figura 06:** Trabalhadores da Estrada de Ferro Taquara – Canela. Data: Final da década de 1910. Fotógrafo: Desconhecido. Acervo: Ivo Volkart. Disponível em: ENGELMANN, 2007, p.53.

As figuras 05 e 06 revelam um pouco do cotidiano dos trabalhadores do trecho ferroviário Taquara-Canela e quem eram esses sujeitos. De acordo com as fotografias podemos ver que eram majoritariamente negros, e que também havia a presença de mulheres e crianças conforme a figura 05, o que pode indicar que as famílias acompanhavam os trabalhadores.

Na localidade de Linha Carahá moradores relataram que seus antepassados contavam que os trabalhadores que causavam desordem sofriam penalidades e às vezes sumiam sem explicações. A suspeita era que eles eram executados sumariamente em um penhasco nas proximidades da rodovia ERS-115. Confrontando os relatos dos

moradores e de Engelmann (2007) com as imagens, nos questionamos: como foram recrutados esses trabalhadores? De onde vinham? Recebiam pagamento? A que condições de trabalhos eram submetidos? Eram violentos como descritos nos relatos? As execuções ocorreram?

Ainda não temos respostas para os questionamentos, mas sabemos que o Brasil pós-abolição e pós-Império ainda manteve estruturas de repressão oriundas do escravismo. Não é por acaso que ocorreram inúmeras revoltas na Primeira República envolvendo uma pobre de maioria negra e o Estado brasileiro, como, por exemplo, a Revolta da Chibata (1910). Nessa linha de raciocínio, lembramos que inúmeras reformas urbanas foram empregadas nas grandes cidades, como Porto Alegre, mas também nas menores, como Taquara e São Leopoldo, e sabemos que essa lógica modernizante não abrangia a população negra. Talvez esse possa ser um caminho a trilhar para identificar a origem dos construtores da ferrovia.

### **Considerações finais**

O levantamento preliminar da história do negro em Gramado nos revelou que é possível identificar os lugares de memória dessa população; entretanto, por outro lado é complexo ter o reconhecimento desse grupo na participação da formação histórica do município, uma vez que os órgãos públicos não os reconhecem, situação que pode dificultar, inclusive, até as políticas públicas sobre o tema nas escolas.

As fontes disponíveis nos revelaram o quão desafiador é dar sentido às memórias que se apresentam como uma “colcha de retalhos”, já que oficialmente nada existe sobre essas populações na história local. Uma pesquisa mais profunda em arquivos regionais e estaduais pode revelar informações que a nível municipal tem se mostrado extremamente difícil.

É fato que a história do negro em Gramado está na invisibilidade, mas também é fato que esse é um tema historiográfico que nas últimas décadas vem sendo discutido nas escolas por força da lei 10.639/2003, e também se promoveu no município duas edições do Curso de Aperfeiçoamento UNIAFRO – Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola.

O curso de Licenciatura em História das Faculdades Integradas de Taquara vem desempenhando na última década um importante papel através de pesquisas acadêmicas, mas ainda há muito o que fazer, principalmente no que se refere à história do negro, tanto no espaço gramadense quanto em todo o território que fazia parte do município de Taquara (Taquara, Parobé, Igrejinha, Três Coroas, Gramado e Canela).

### **Referências**

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 09 janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no

currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências”. Brasília, DF, 2003.

ENGELMANN, Erni Guilherme. *A Saga dos Alemães: do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo*. Porto Alegre: Comunicação Impressa, 2007. v.3.

FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, Borgismo e Cooptação Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

FILATOW, Fabian. Monges do Pinheirinho: conflito entre caboclos e imigrantes no Vale do Taquari (Rio Grande do Sul, 1902). In: ROCHA, Humberto José da Rocha (Org.). *Étnicos, milenários e bandidos: história dos movimentos sociais no sul do Brasil (séculos XIX-XX)*. Passo Fundo: Acervus, 2020.

FREITAS, Ubiratã Ferreira. *Cotidiano e trabalho escravo: experiências negras e escravas em Taquara (1856 – 1888)*. Tese. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, 2019.

FUNDAÇÃO PALMARES. *Certificação Quilombola*, Brasília, 21 de fev. de 2020. Disponível em:

<[http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=37551](http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551)>. Acesso em: 17 de abr. de 2020.

GEVEHR, Daniel Luciano; MEYRER, Marlise Regina; NEUMANN, Rosane Marcia. O Movimento Mucker e o protagonismo de Jacobina Maurer - Rio Grande do Sul, colônia alemã de São Leopoldo, segunda metade do século XIX. In: ROCHA, Humberto José da Rocha (Org.). *Étnicos, milenários e bandidos: história dos movimentos sociais no sul do Brasil (séculos XIX-XX)*. Passo Fundo: Acervus, 2020.

GEVEHR, Daniel Luciano; WEBER, Eduardo da Silva. Quinto Distrito de Taquara? Não! A “Suíça Brasileira”: as origens do turismo em Gramado (Rio Grande do Sul, século XIX-XX). In: RAHMEIER, Andrea Helena Petry; et al (Orgs.) *Migrações, Educação e Desenvolvimento: volume 2: convergências e reflexões*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

GIRON, Loraine Slomp. *Presença africana na Serra Gaúcha: subsídios*. Porto Alegre: Letra e Vida, 2009.

KUJAWA, Henrique. Monges Barbudos: a construção individual e coletiva do movimento. In: ROCHA, Humberto José da Rocha (Org.). *Étnicos, milenários e bandidos: história dos movimentos sociais no sul do Brasil (séculos XIX-XX)*. Passo Fundo: Acervus, 2020.

MAGALHÃES, Dóris Rejane Fernandes. A ocupação portuguesa e alemã no Vale do Paranhana. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel et. al. *Raízes de Igreja*. Porto Alegre: EST, 2008.

MAGALHÃES, Magna Lima. Brilha o Cruzeiro: Identidade e (In)Visibilidade Negra no Vale do Rio dos Sinos. Tese. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2009.

MARTINS, José de Souza Martins. O tempo da fronteira retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. *Tempo Social*; Ver. Sociol. USP, 8 (1): 25-70, maio de 1996. Disponível em:

<[www.periodicos.usp.br/ts/article/download/86141/88825](http://www.periodicos.usp.br/ts/article/download/86141/88825)>. Acesso em: 15 de abr. de 2020.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p. 73-98. Disponível em: <[https://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg2-4.pdf](https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf)>. Acesso em: 17 de abr. de 2020.

MOREIRA, Paulo; MUGGE, Miquéias. *História de Escravos e Senhores em uma região de imigração europeia*. 2ªed. São Leopoldo: Editora Oikos, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, 1993, p. 7-28. Disponível em:

< <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101> > Acesso em: 17 de abr. de 2020.

OLIVEIRA, Sebastião Fonseca de. Terras e Posseiros. In: PREFEITURA MUNICIPAL. *Raízes de Gramado*. Gramado: Secretaria Municipal de Educação/Centro Municipal de Cultura, 1999.

PETERS, Sílvio Silmar. *Estudo da paisagem rural em áreas de ocupação germânica na antiga colônia provincial de Nova Petrópolis: segunda metade do século XIX até meados do século XX*. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de História, Faculdades Integradas de Taquara, 2015.

PIZETTA, Mário. *Gramado: ontem e hoje*. Caxias do Sul: Paulinas, 1973.

PREFEITURA MUNICIPAL. *Saiba mais sobre Gramado*, c2018. Disponível em: <<https://www.gramado.rs.gov.br/pagina/conheca>>. Acesso em: 16 de abr. de 2020.

TEIXEIRA, Luana. *Muito mais que senhores e escravos: relações de trabalho, conflitos e mobilidade social em um distrito agropecuário do sul do Império do Brasil (São Francisco de Paula de Cima da Serra, RS, 1850-1871)*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2008. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92145> > Acesso em: 15 de abr. de 2020.

SILVA, Fernanda Oliveira da et al. *Pessoas comuns, histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense*. Porto Alegre: UFRGS/EST edições, 2017.

SILVA, Francisco Teixeira da. História das Paisagens. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história : ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997

ZARTH, Paulo A. *Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX*. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.